

A INSPIRAÇÃO POÉTICA: O DIÁLOGO ENTRE SÓCRATES E ÍON THE POETIC INSPIRATION: DIALOG BETWEEN SOCRATES AND ION

Alice Ferreira Aragão¹

RESUMO: Na Grécia Antiga a poesia tinha uma valorosa função educativa que foi banida por Platão na obra *República*. Platão considerava os conteúdos poéticos incoerentes à formação de guerreiros; se continuassem a receber essa educação resultariam em homens covardes. No entanto, os poetas eram considerados sábios assim como os políticos, artesões e técnicos. Em *Íon* Platão irá negar essa ideia e dizer que os poetas são homens inspirados e dessa forma nada sabem a respeito do conteúdo de seus poemas. O presente artigo objetiva discutir a inspiração poética a partir da obra *Íon* de Platão, apresentando o antagonismo desta com a técnica.

Palavras-chave: Platão. Inspiração. Poesia. Técnica.

Na Grécia Antiga, a poesia, diferente da visão que se tem atualmente, possuía um cunho educativo de grande valor. Cabia aos poetas à transmissão dos ensinamentos para a formação do cidadão da *pólis*. Logo, os poetas, assim como os políticos, dispunham uma boa imagem na sociedade grega.

Em uma ocasião, Sócrates, após ser informado ser o homem mais sábio da Grécia, segundo o oráculo de Delfos, vai certificar a sabedoria, primeiramente dos políticos e detecta que estão na ignorância por acreditarem serem sábios. Sócrates é sábio, uma vez que reconhece sua ignorância e atribui todo o saber aos deuses. “Depois dos políticos, Sócrates interroga os poetas, que também gozam da reputação de serem sábios” (DORION, 2006, p.36). Sócrates constatou que os poetas nada sabiam a respeito do que escreviam. Além dos poetas e políticos, desfrutavam também de tal reputação, os artesões e técnicos.

Na obra *A República*, Platão vai discutir em alguns capítulos justamente a poesia na formação educacional da *pólis*. Em seu diálogo com Adimanto e Gláucon no livro III, Platão não resguarda em afirmar que algumas passagens da poesia de Homero precisam ser eliminadas para não prejudicar na formação dos cidadãos. Ainda que Platão tenha profundo respeito por Homero e os demais poetas, as passagens poéticas a que ele se refere não estariam de acordo com a formação cidadã a qual ele defendia. Das quais, deuses eram vistos

¹ Graduanda em Letras na Universidade Federal do Maranhão. E-mail: alice_sud@hotmail.com

se lamentando. Outras em que mostrava o Hades como um lugar temeroso. Platão acreditava que esses trechos da poesia de Homero iriam causar covardia aos futuros guerreiros. Iriam desencorajar os jovens do desejo de irem às guerras por temer a morte.

Se se devem educar os guardiões na coragem, é necessário eliminar da sua educação musical todos os mitos e as poesias que causam medo da morte, especialmente se forem belos, tal como é preciso eliminar as poesias que representam os heróis e os deuses a chorar ou a sofrer, ou que os representam como serem intemperantes e ávidos. (CASERTANO, 2011, p.17)

É importante notar que Platão não está sendo contra a poesia: “Não é que não sejam poéticas e agradáveis à maioria dos ouvintes” (PLATÃO, 2006, p.131; 387b). As poesias eram boas desde que fossem usadas para outras finalidades e não com o objetivo de formar guerreiros. Vale resaltar a posição divergente que Platão assume entre *Íon* e *A República*. É visível a diferença de posicionamento que Platão assume nas duas obras. É interessante fazer um paralelo entre elas. N’*A República*, Platão é hostil aos poetas, acredita que a poesia não convém à formação de cidadãos da *pólis* uma vez que transforma o indivíduo em alguém temeroso às batalhas e por ser perigosa à constituição da alma:

Cá entre nós, uma vez que não me denunciarás aos poetas trágicos ou quaisquer outros imitativos, toda essa poesia provavelmente distorce o pensamento de qualquer pessoa que a ouça, a menos que possua o conhecimento de sua verdadeira natureza que atue um antídoto. (PLATÃO, 2006, p. 419; 595b)

Em *Íon*, Platão é mais tolerante à poesia e os poetas são vistos como intérpretes dos deuses, sem capacidade de compor seus poemas por habilidade, apenas cantando-os sem saber o que dizem. Mas nem por isso, são encarados inferiormente por Platão, ao contrário, os poetas são mais respeitados em *Íon*. As diferenças estariam principalmente na produção poética. N’*A República*, o poeta é o produtor de seus poemas que através da *mímesis* (imitação) é condenada por Platão por se distanciar da verdade. Suas obras representariam uma imperfeição da realidade. A arte é uma imitação da aparência, esta é a imitação da realidade que está no mundo intangível, portanto a arte está em terceiro nível a partir da realidade. Não é prudente que os guardiões se dediquem à poesia imitada, com exceção as imitações de pessoas honestas, boas e valentes. Curiosamente, o próprio formato do texto da obra *A República* está em discurso direto, isso que Platão chama de imitação.

Um entendimento diferente tinha Aristóteles sobre a imitação. Para ele, a criação poética advém de duas causas naturais. A primeira é que “imitar é natural ao homem desde a infância”. [...] e a segunda “é que aprender é sumamente agradável”. [...]. (ARISTÓTELES, 2005, p. 21: 22). As passagens da tragédia de extrema violência iriam despertar os

sentimentos de temor e piedade aos espectadores proporcionando-lhes o alívio desses sentimentos. É o efeito purificador da catarse. Por meio da arte se poderia vivenciar emoções que na “vida real” poderiam causar prejuízo moral. “A *catharis* restaura uma integridade ameaçada”. (STIRN, 2006, p.67). Dessa maneira, Aristóteles admitia a imitação na educação da *pólis* e a considerava boa para a cidade.

Em *Íon*, o conceito de *mimesis* não é visto e os poetas e rapsodos são servís dos deuses, seu intelecto é retirado e assim as Musas² entram em ação e por meio do *enthousiasmós* (entusiasmo poético) recitam os poemas sendo incapazes de se explicarem em seguida. Platão parece dar maior credibilidade as poesias no *Íon*, pois não seriam da autoria dos poetas, mas sim a própria voz dos deuses.

Alguns autores explicam essa postura divergente o fato das obras serem escritas em épocas distintas. Platão teria escrito *Íon* em sua juventude enquanto *A República* seria uma obra pertencente a uma fase mais madura de Platão. Tal maturidade não se restringindo somente a idade, mas a própria filosofia platônica. A crítica aos poetas em *Íon* diz respeito ao fato de recitar belos poemas e não saberem explicar *o que dizem*. Enquanto n’*A República*, a crítica ganha outras proporções mais complexas e está mais fundamentada em sua filosofia platônica, embora não se possa delimitar com precisão onde termina a filosofia socrática e onde começa a platônica. Vejamos o que diz José André Ribeiro em seu artigo *Uma interpretação comparativa dos diálogos Íon e República de Platão* a respeito dessa postura antagônica de Platão:

No *Íon*, então, haveria ainda um olhar socrático sobre a poesia, desprovido de teorias mais complexas, como a das formas e a da alma, que aparecem apenas posteriormente. Segundo consta, essas teorias, principalmente a das formas, possibilitariam situar a poesia em um patamar social e moral, de modo que a crítica aos poetas fosse mais profunda e mais complexas; sendo assim, a República é vista como um diálogo no qual Platão já supera os preceitos básicos da teoria socrática, conquistando uma maturidade filosófica própria, que o levaria à formação de conceitos mais específicos para cada problema, através dos quais ele poderia julgar a poesia para além dos limites restritos do conceito de *tékhnē*. (RIBEIRO, 2009, p.97)

O diálogo inicia com o encontro de Sócrates e *Íon*, este recém-chegado da cidade de Epidauro onde teria adquirido a vitória no concurso de rapsodos³ realizado para homenagear o deus Asclépio. Sócrates parabeniza-o e aproveita para desejar-lhe a vitória em

² As Musas são um grupo de personagens da mitologia grega, filhas de Zeus e Mnemosine, as nove musas são ninfastas das fontes: Calíope, Clio, Polímnia, Euterpe, Terpsicore, Erato, Melpomene, Talia, e Urânia. Enciclopédia de mitologia, Marcelo Del Bebbio, 1ª edição, julho, 2008.

³ Os rapsodos eram artistas que viajavam de cidade em cidade recitando poemas, principalmente os épicos que não eram de sua autoria.

outro concurso em Atenas. Lisonjeado, Íon responde: “Mas assim será, se o deus quiser” (PLATÃO, 2007, p.22; 530). E é nesta frase, “que o rapsodo pronuncia sem maiores pretensões, que vai mover o diálogo”. (SANTOS, 2008, p.45)

Continuando seu elogio, Sócrates se diz invejável pela arte⁴ de Íon, visto que um bom intérprete conhece a fundo o pensamento do poeta; “Porque um rapsodo jamais seria bom se não entendesse o que é dito pelo poeta: é preciso que o rapsodo seja, para os ouvintes, o intérprete do pensamento do poeta” (PLATÃO, 2007, p.22; 530). Percebe-se logo de início uma ironia na fala de Sócrates, pois ele sabe que Íon não entende o que o poeta diz nem tampouco conhece a fundo o seu pensamento. Usando seu método dialético da ironia e maiêutica, Sócrates faz perguntas que aos poucos provocam contradições e dúvidas em Íon.

No que diz respeito aos poemas de Homero, Íon se considera o melhor dentre os que falam. O mesmo “se diz especialista somente nos poemas homéricos. Nesse domínio, ele não teme rival” (GOLDSCHMIDT, 1993, p.89). Isso se contradiz com a arte da rapsódia, como diz Victor Goldschmidt: a rapsódia tem por objeto não somente Homero, mas todos os poetas (exigência obrigatória). Porém, Íon diz que basta ser especialista em Homero, já que ao ouvir de outros poetas chega a cochilar. Se de fato Íon dominasse a técnica rapsódia, nada o impedia de ser bom nos outros poetas. Afinal os poetas não falam sobre as mesmas coisas? Íon tenta justificar-se ao falar que Homero ao se tratar de um assunto fala de modo melhor que os outros poetas. Ora, mas quem sabe dizer o que fala de modo melhor, deve saber também o que fala de modo inferior. A mesma pessoa deve ser hábil nas duas coisas. Ao concordar com os argumentos de Sócrates, Íon acaba gerando incoerências em sua fala. Sócrates completa:

Ora, excelente homem, não erraremos então em dizer que Íon é do mesmo modo hábil tanto em Homero quanto nos demais poetas, já que você mesmo reconhece que a mesma pessoa há de ser juiz bastante de todos quantos falem sobre as mesmas coisas, e os poetas quase todos poetam sobre as mesmas coisas. (PLATÃO, 2007, p.28; 532)

Embora concordando com o raciocínio de Sócrates, Íon não consegue entender por qual razão não se importa quando outros poetas são citados e ao falarem de Homero fica atento.

Isso não é difícil de imaginar, amigo, mas está claro a todos que você é incapaz de falar por arte e conhecimento, porque, se você pudesse falar por arte, você também poderia falar a respeito de todos os demais poetas.[...]. (PLATÃO, 2007, p. 29; 532)

⁴ Neste contexto significa “técnica” ou “habilidade”.

Íon questiona Sócrates a esclarecer que se não era por técnica que Íon declamava tão bem, o que era então? Sócrates faz uma primeira suposição do que lhe parece ser, não afirmando com toda precisão que Íon é inspirado, mas mostrando um entendimento do que seria o estado de inspiração poética.

E estou vendo, Íon, e vou mostrar a você o que me parece ser isso. Isso que há em você- falar bem sobre Homero- não é arte (aquilo que eu dizia agora há pouco), mas uma capacidade divina que o move, como na pedra que Eurípides chamou de “magnética”, e a maioria de “heracléia”. Pois essa pedra não só atrai os próprios elos de ferro, mas ainda põe capacidade nos elos, para que por sua vez possam fazer o mesmo que a pedra faz- atrair outros anéis-, a ponto de às vezes uma cadeia muito extensa de ferros e elos ficar articulada; e para todos eles, a partir daquela pedra, a capacidade fica articulada. Assim também a Musa faz por si mesma seus inspirados, e através desses inspirados -outros se inspirando -uma cadeia se articula. Pois todos os poetas dos versos épicos- os bons-, não por arte, mas estando inspirados e tomados, falam todos esses belos poemas, e os cantadores- os bons- igualmente: assim como os coribantes dançam não estando em si, assim também os cantadores não estando em si fazem essas belas melodias; quando entram na harmonia e no ritmo, “bancanteiam”, e é estando tomados- assim como as bacantes, tomadas, tiram o mel e o leite dos rios, não estando em si- que também a alma desses cantadores realiza isso; é o que eles mesmo dizem! Pois é certo que os poetas nos dizem que é colhendo nas fontes de *mel* de certos jardins e vales das Musas que nos trazem as *melodias*- tal qual as abelhas, também eles próprio dessa maneira voando. E estão dizendo a verdade: porque o poeta é coisa leve, e alada, e sagrada, e não pode poetar até que se torne inspirado e fora de si, e a razão não esteja mais presente nele. (PLATÃO, 2007, p.32; 533-534)

Assim como a pedra magnética tem a capacidade de atrair os elos de ferro, põe a estes também a capacidade para atrair outros elos de modo a se fazer uma cadeia, assim ocorre com a poesia. Como diz Fausto dos Santos “a musa entusiasma o poeta que por sua vez, entusiasma o rapsodo e este sua audiência” (SANTOS, 2008, p.48) Assim, os rapsodos assumem uma posição intermediária entre o poeta e o público. Os cantadores, coribantes e poetas líricos, em todos esses casos faltam-lhes a razão, sujeitos, portanto a vontade das Musas. Logo, o rapsodo assim como os demais estaria fora dos padrões de um verdadeiro técnico. Íon seria como os adivinhos e oráculos usados como um meio de transmissão de mensagens dos deuses aos homens.

Trata-se aqui de um homem entusiasmado, tomado por delírio divino, acometido por uma potência que o coloca efetivamente “fora de si”. Essas duas categorias, a do “em si” e a do “fora de si”, interessam sobremaneira a Sócrates, sobretudo porque se trata, em Platão, da construção de uma ética da consciência e do conhecimento que é, antes de tudo, conhecimento de um sujeito “em si”, esse mesmo que se encontra em condição de responder a perguntas e de efetivamente participar de um diálogo dialético. (PINHEIRO, 2008, p.45)

Os poetas e rapsodos não são autores de suas palavras, são porta-vozes dos deuses e no momento do entusiasmo, a razão não está presente neles, mas encontram-se num estado de plena possessão. Se para que os técnicos possam ter um excelente resultado final de

seu produto, devem usar de toda sua habilidade e técnica, na poesia será o contrário; quanto mais estiverem “fora de si” e desprovidos de suas habilidades, melhor será a poesia, dado que é neste momento que as Musas entram em ação. E assim resultam as boas poesias e as boas melodias.

Vejamos o que Krishnamurti Jareski diz sobre este momento do entusiasmo poético:

[...] A condição dos poetas enquanto fora de seu juízo habitual, ao contrário, não lhes permite controle operativo de seu canto e direcionamento de sua atividade a um fim previamente determinado. Os indivíduos inspirados têm o *noûs* (mente, intelecto) subtraído pelas Musas, significando que, temporariamente, são destituídos de seu juízo habitual[...]. (JARESKI, 2010, p.289)

Platão estaria trazendo uma nova ideia do que é o poeta, rompendo com a visão contemporânea de sua época em que o poeta era visto como sábio, possuidor de uma técnica para um homem inspirado incapaz de compor e comentar os poemas. Certamente Platão causou um grande estranhamento nas pessoas de sua sociedade com essa nova concepção. Esse estranhamento pode ser personalizado por Íon que tem resistência em aceitar que não possui habilidade alguma.

Sócrates fica curioso em saber como Íon se sente no momento em que narra as poesias. Sua alma estaria vivenciando os fatos narrados passados em Tróia ou Ítaca? Íon responde: “[...] meus olhos se enchem de lágrimas, e quando digo algo assustador ou terrível, meus cabelos ficam em pé de medo, e o coração dispara.” (PLATÃO, 2007, p.36; 535). O fato de Íon ter essas reações é para Sócrates mais uma prova de que ele é tomado por uma porção divina.

Embora Sócrates peça a Íon que demonstre suas habilidades poéticas, o mesmo faz interrupções para que isso não aconteça. Como se Sócrates estivesse mais interessando em saber *sobre* os poemas e não os poemas em si já que ele mesmo sabe recitar os poemas homéricos assim como Íon. Aí está um detalhe importante. Íon não tem dificuldade nenhuma em recitar os poemas, ao contrário, os faz belamente, mas entra em contradições e dúvidas ao comentar com Sócrates sobre eles. Pensar e comentar sobre os poemas requer habilidades que Íon não possui.

Visto que Homero fala sobre muitas coisas, Sócrates pergunta a Íon em qual delas ele fala melhor. A partir dessa pergunta o diálogo ganha um segundo ponto: a *tékhne*. Aparentemente ofendido com a pergunta, Íon responde prontamente que não há nada que

Homero fale que ele não fale bem. Para provar que Íon inspirado, Sócrates faz um longo discurso sobre técnicas.

O que na verdade Sócrates quer saber é qual o objeto específico que define sua técnica. Para Íon seu objeto específico é Homero, não dando importância aos outros poetas. Afirma ele que, mesmo que os outros falem das mesmas coisas que Homero, estes não falam do mesmo modo, mas de forma inferior. Como conhecedor das poesias de Homero, Íon acredita deter de uma técnica. No entanto, para Sócrates isso não é satisfatório, pois a técnica é um conjunto de conhecimento sobre um tema. Se fosse por técnica, como Íon iria percorrer esse caminho até Homero, o melhor dos poetas, sem antes se habilitar em outros poetas considerados por ele inferiores? Íon deveria ser habilidoso em todos os poetas e não apenas em um, para lhe conferir um verdadeiro possuidor de uma técnica.

Por meio de analogias, que estão muito presentes no diálogo, Sócrates tenta mostrar ao rapsodo a característica universal das técnicas, de se conhecer *todo* e não *partes*. Não há alguém que sabia falar sobre um bom pintor e não sabia falar também sobre o que pinta mal. Assim também na escultura, não há ninguém que seja especialista somente em um escultor e não sabia comentar nada a respeito dos demais escultores. A técnica poética deve seguir, portanto os mesmos requisitos das outras técnicas. No que diz respeito às artes Fausto dos Santos nos mostra que:

Homero, em muitas passagens dos seus poemas, fala sobre técnicas: a condução de carros, a medicina, a pesca, a adivinhação. Interessante notar que é Sócrates quem, no diálogo, recita os versos, mostrando assim ser versado no poeta também. Para cada técnica específica, há um técnico determinado, não podendo um ultrapassar a fronteira do outro. Assim sendo, a respeito da medicina, é o médico, e não o pescador, quem se pronunciará com mais razão. A respeito das carreiras de cavalos é ao condutor de carros que cabe a última palavra e não ao médico e assim sucessivamente, ficando estabelecido que aquilo que se conhece por uma técnica não se conhece por outra. (SANTOS, 2008, p.50)

Através de citações de alguns trechos de *Ilíada*, Sócrates mostra quais passagens dizem respeito ao cocheiro, ao médico, ao pescador e ao adivinho, demonstrando que, embora não seja um especialista em Homero, como Íon se classifica, também conhece os poemas do poeta e apontar as técnicas e seus respectivos técnicos. Assim, sendo perito em Homero, Íon não teria, é de se esperar, dificuldades em mostrar quais passagens cabe a sua técnica, e somente a sua, comentar e julgar se estariam bem poetados ou não. Quais os versos da poesia de Homero cabem ao rapsodo julgar por pertencer a sua técnica?

A insistência de Íon parece não ter fim e mais uma vez surpreende Sócrates, dizendo que *todos* os versos cabem à rapsódia comentar. Sócrates parece não acreditar na

resposta do amigo depois de uma conversa tão longa sobre técnicas. Sócrates deixa bem claro que os conhecimentos adquiridos de uma arte não podem ser os mesmos de outra, se assim fosse, não seriam artes diferentes. Ou seja, o rapsodo não seria capaz de julgar versos de Homero que não pertencem à sua técnica. Só um técnico possui a competência de julgar se o poeta fez colocações bem feitas ou não sobre sua arte. De fato, um julgamento sem uma base de conhecimentos específicos não é nada mais que uma mera opinião a respeito do assunto. Íon parece acreditar que sua desclassificação como especialista em Homero era um rebaixamento vergonhoso, visto por Sócrates de maneira diferente.

Homero ao escrever sobre batalhas em seus poemas não poderia ter domínio do que estava escrevendo, pois nunca comandou uma guerra na sua vida. Caberia somente a um comandante escrever e comentar sobre batalhas, pois detém da técnica. É como se para Platão os poetas não tivessem permissão para escrever sobre diferentes técnicas que não são do seu domínio. Apesar de concordar com o raciocínio de Sócrates, Íon acredita fielmente no valor da rapsódia e insiste em sua habilidade.

Como se não bastasse, além de Íon acreditar na sua habilidade, ainda sofre de um tradicionalismo homérico; acredita seguramente que os poemas de Homero são a melhor fonte de conhecimento de todas as coisas. A superioridade que ele atribui a Homero durante o diálogo desprezando os demais poetas é evidente. É como se as narrativas de Homero pudessem transmitir todo o saber para se viver bem. Não é à toa que Íon diz que aprendeu até mesmo a arte de comandar através dos poemas homéricos. Para Íon o simples fato de conhecer bem os poemas *Ilíada* e *Odisséia* que tratam sobre batalhas, poderia lhe conferir um título de comandante. Sobre esse aspecto, vejamos o que José André Ribeiro fala:

O caráter de tradicionalismo presente nessa prática é explicitado através da crença de Íon na superioridade da poesia homérica, que, para ele, seria o fundamento da visão de mundo, a partir da qual seriam adquiridos os princípios da vida. Para ele, a “visão homérica das coisas” determinaria profundamente o modo como cada um deve viver. É como se Íon acreditasse ser necessário a aprendizagem da visão de Homero tem das coisas (dos deuses, dos heróis, da moral e dos conhecimentos específicos), para que os homens pudessem empreender seu cotidiano. Além disso, o rapsodo se apresenta a Sócrates como um especialista sobre todas as coisas, pelo mero fato de que trata delas em seus poemas. (RIBEIRO, 2008, p.31)

A partir desse raciocínio, Sócrates implicitamente levando a seguinte questão: seria possível adquirir uma formação técnica através das poesias? Sócrates não acreditava que a representação de uma técnica nos poemas seria suficiente para aprendê-la. E afinal, se por meio das poesias de Homero Íon se considerava um bom comandante por qual motivo não exercia essa profissão também, entre os atenienses, mas ao contrário, estes preferiam até

mesmo um estrangeiro para comandar? A verdade é que certamente Íon não saberia de fato comandar. Íon tenta justificar-se ao falar que Atenas é comandada pelos próprios atenienses e não precisam de um comandante, mas a essa altura nenhum desculpa, depois de inúmeras contradições, vai fazer Sócrates acreditar no rapsodo.

Íon é considerada uma obra em que a crítica à poesia é mais simples. No entanto, aqui podemos notar que a crítica não se resume em debater se a poesia é técnica ou inspiração. Além de Platão questionar sobre a verdadeira fonte da poesia serem as Musas e não a habilidade humana, já levanta a discussão sobre sua função educacional. Certamente não da mesma maneira que será abordada n'*A República*. Nesta, a crítica se voltará às passagens poéticas, principalmente homéricas, que bem irão distorcer o comportamento dos jovens guerreiros. Passagens em que mostram a falta de moderação de comportamento dos deuses, em beber, comer e ao riso descontrolado.

Ao final do diálogo, Sócrates parece ficar irritado com o amigo, pois se de fato ele estava falando a verdade (de possuir uma técnica), estava agindo errado em não querer compartilhar isso com Sócrates, mas se ele realmente não possuindo uma técnica recita as belas poesias de Homero, não age mal. Mas Íon deve escolher como quer ser visto pela sociedade grega: como alguém que se diz especialista somente em um poeta e se recusa a demonstrar suas habilidades para um amigo, enganando-o ou um servil dos deuses.

A crítica que Platão faz nas duas obras, mesmo seguido por diferentes vertentes, quer mostrar que os poetas não possuem o conhecimento de todas as coisas. Pois ninguém pode ter um bom conhecimento de tudo. Assim, os poetas não podem ter o monopólio da educação da sociedade grega.

Trazendo para o panorama atual, o *New Criticism*, nova crítica literária, que surgiu nos Estados Unidos na década de 20-30 do século XX, irá dizer que a poesia não é uma expressão de sentimentos do poeta, mas um produto resultado de técnicas de composição. Seguindo esse viés, poderíamos afirmar que qualquer pessoa seria capaz de criar uma poesia desde que conhecesse as técnicas. Essas técnicas adviriam de uma visão individual do mundo pelo poeta. As emoções e as possíveis intenções do autor ao escrever a obra estariam fora dos interesses desse estudo. O crítico deve analisar essencialmente o texto e não o poeta. O poeta não é o sujeito inspirado, mas que usa de elementos sintáticos capaz de produzir emoções aos leitores que podem ou não terem sido sentidas ao escrever a obra.

É importante observar em *Íon* que não se trata de qualquer poeta, mas os bons. Nota-se isso na fala de Sócrates ao empregar o termo *os bons* ao se referir aos indivíduos inspirados. E se existem as boas poesias, existem as ruins. Há poesias feitas por técnicas, mas todas não serão melhores comparadas com aquelas feitas por um inspirado onde seu valor estético será mais elevado. Isso quer dizer que qualquer tentativa de se fazer uma boa poesia por meio de técnicas será fracassada.

A veemente contraposição entre os conceitos de *téchne* e *enthousiasmós*, no *Íon*, indica que a contribuição da inspiração divina para com a poesia corresponde à sua excelência estética, ao seu poder comovedor e ao seu valor de verdade, ainda que os poetas sejam ignorantes quanto aos assuntos cantados. Platão parece apontar para o fato de que versos belíssimos podem ser compostos a partir de premissas temáticas falsas e, ao fazê-lo, rompe com toda a tradição grega da inspiração poética. (JARESKI, 2010, p.290)

Como bem fala Krishamurti Jareski, as poesias inspiradas não eram tão somente apreciadas pela sua estética, mas também pelo seu valor de verdade. Assim como os oráculos, que traziam benefícios à sociedade grega, as poesias eram a transmissão de mensagens dos deuses aos homens que também traziam benefícios no sentido de informação e formação moral dos cidadãos da *pólis*.

A incompatibilidade entre a poesia e filosofia não cessou com a postura “justificável” de Platão perante a poesia em *Íon*. Parece que essa ideia de os poetas serem inspirados, deu mais um grande motivo para estes serem mais respeitados e ouvidos. À medida que a filosofia platônica ganhou mais consistência, Platão reuniu mais “provas” para mostrar que o poeta não possui todo o conhecimento.

Com o desejo de transformar Atenas em uma cidade perfeita, Platão não ver, para a poesia, uma função para estar presente na vida dos cidadãos atenienses. Além de não ter uma função, a poesia vem causando prejuízos à formação moral dos guerreiros, de modo que não há motivos para que ela permaneça viva.

A poesia (Platão o insinua) é um peso morto. Enquanto os demais cidadãos desempenham cada qual sua função útil, de modo disciplinado e produtivo, o poeta não tem nenhuma função, não produz nada, a não ser suas inúteis imitações de imitações. A poesia, embora largamente apreciada, nada acrescenta ao esforço de todos na manutenção da Justiça e na consecução da Felicidade. A lógica do argumento é irrecorrível. (MOISÉS, 2007, p. 34)

Se Platão estivesse vivo, ficaria muito decepcionado e alarmado ao ver que todos os seus esforços foram em vão e que a poesia, ainda que não tenha função alguma até hoje, continua mais viva do que nunca. Carlos Felipe Moisés, em seu livro *Poesia e Utopia*, nos mostra que em meio ao nosso sistema globalizado e uma economia que visa a praticidade

com resultados imediatos, a poesia ainda tem seu espaço garantido. São realizados “desde congressos e simpósios promovidos por especialistas, até encontros e festivais frequentados pelo público em geral”. (MOISÉS, 2007, p.11).

Ao final do diálogo Íon parece finalmente gostar mais da ideia de ser considerado divino do que um especialista em Homero. Platão parece dar mais respeito à poesia, pois, “o que o poeta sabe fazer é *enfeitar* a linguagem. Dar a ela um aspecto formoso. E isso não se daria propriamente por uma *tékhnē*, mas, antes, por um favor dos deuses.” (SANTOS, 2008, p.55).

ABSTRACT: In ancient Greece poetry had an enormous educative function that was banned by Plato in his work Republic. Plato considered poetic language incoherent with warrior formation. If the warriors continued to this kind of education it would result in coward men. Nonetheless poets were considered wise as politicians, artisans and technicians. In Ion Plato will deny this idea and say that the poets are inspired men and, then know nothing about content of his poems. The present article aims to discuss poetic inspiration through Plato's work Ion showing the antagonism between this work and the technique.

Keywords: Plato. Poetry. Inspiration. Technique.

REFERÊNCIAS

- AMARAL FILHO, Fausto dos Santos. **Platão e a linguagem poética: o prenúncio de uma distinção**. Chapecó: Argos, 2008.
- ARISTÓTELES, **A poética clássica/ Aristóteles, Horácio, Longino**; Tradução de Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix, 2005.
- CASERTANO, Giovanni. **Uma introdução à República de Platão**. Tradução de Maria da Graça Gomes de Pina. São Paulo: Paulus, 2007.
- DEL BEBBIO, Marcelo. **Enciclopédia de Mitologia**. São Paulo: Daemon, 2008.
- DORION, Louis- André. **Compreender Sócrates**. Tradução de Lúcia M. Endlich Orth, Petrópolis: Vozes, 2006.
- GOLDSCHIMIDT, Victor, **Os diálogos de Platão, estrutura e método dialético**. 5ª Ed. Tradução de Dion Davi Macedo. São Paulo: Edições Loyola, 1993.
- JARESKI, Krishamurti, **A inspiração poética no Íon de Platão**, “Kínesis”, Vol.II, nº 03, Abril- 2010, p. 284- 305.
- MOISÉS, Carlos Felipe. **Poesia e Utopia: sobre a função social da poesia e do poeta**. São Paulo: Escrituras Editora, 2007.

PINHEIRO, Paulo. **Poesia e Filosofia em Platão: A noção de entusiasmo poético**. Anais de Filosofia Clássica, Vol.II, nº 04, dezembro- 2008, p. 40-58.

PLATÃO, **Íon** (sobre a inspiração poética). Tradução de André Malta: L&PM Pocket, Porto Alegre, 2007.

_____. **A República** (da justiça). Tradução de Edson Bini. Bauru: Edipro, 2006

RIBEIRO, J. A. **Mímesis e enthousiasmós: a poesia entre a República e o Íon**. Belo Horizonte, 2008. Dissertação (Mestrado em História da Filosofia), Universidade Federal de Minas Gerais.

_____. **Uma interpretação comparativa dos diálogos Íon e República de Platão**. “Polymatheia”. vol. V, n. 7, 2009, p. 87-110.

STIRN, François. **Compreender Aristóteles**. Tradução de Ephraram F. Alves. Petrópolis: Editora Vozes, 2006.